

O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE MARIA QUITÉRIA: MULHER, SOLDADO E HEROÍNA DA INDEPENDÊNCIA

Sílvia Lúcia Pereira Duarte¹

Resumo: Este artigo objetiva problematizar a imagem de Maria Quitéria, heroína baiana e a apropriação da personagem na narrativa da Independência, como esta figura compõe o imaginário social do Brasil como nação e as diferenças de narrativas em função de ser uma mulher soldado, ao compararmos sua figura à de Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. A construção da figura de Maria Quitéria sofre a influência da representação das ideias vigentes em seu tempo, quanto à feminilização e um embranquecimento de seus traços, tanto no monumento em Salvador na Praça da Soledade quanto no quadro que a retrata no Museu do Ipiranga. O estudo será realizado sob a perspectiva da história cultural e categoria de análise de gênero e ao final pensará o feminino no Exército atualmente.

Palavras-chave: História Cultural. Imaginário Social. Exército Brasileiro. Patronos. Mulheres no Exército.

Abstract: This article aims to problematize the image of Maria Quitéria, a heroine from Bahia, and the appropriation of the character in the Independence narrative, how this figure composes the social imaginary of Brazil as a nation and the differences in narratives due to being a female soldier, when we compare her figure to that of Duque de Caxias, patron of the Brazilian Army. The construction of the figure of Maria Quitéria is influenced by the representation of the prevailing ideas of her time, regarding feminization and a whitening of her features, both in the monument in Salvador at Praça da Soledade and in the painting that portrays her in the Ipiranga Museum. The study will be carried out from the perspective of cultural history and gender analysis category.

Keywords: Culture History. Social Imaginary. Brazilian Army, Patronos. Women in the Army.

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: silvialpduarte@gmail.com.

Se o Estado é a vontade de Deus, então os feitos para sua consolidação transformam as pessoas que participaram deles em figuras míticas e capazes de motivar e inspirar o sentimento de nacionalidade e a busca de um objetivo comum.

Esses três componentes aparecem, nos séculos XVI e XVII, sob a forma das operações divinas que, no mito fundador, respondem pelo Brasil: a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história e a vontade de Deus, isto é, o Estado (CHAUI, 2001, p.58).

As instituições tradicionais baseiam seus preceitos em ideias míticas, pois para ressaltar os ideais atávicos ao ser humano precisam da identificação com o imaginário social, transformando-o em real pela utilização das imagens e da comunicação. A vida militar reveste-se do mito do herói, do protetor, do líder, do conquistador, do vitorioso, do indivíduo que transcende seus próprios medos em prol de um bem maior e social e da doação integral da existência em favor de sua comunidade.

Desde épocas remotas a vida em sociedade criou conflitos entre os diversos clãs, povos, tribos, impérios e nações, que disputavam riquezas, conhecimentos, territórios, rotas comerciais, além de diferentes ideologias religiosas, sociais, étnica. Nesse contexto como forma de motivar e mover seus integrantes e afugentar e demonstrar força a seus inimigos diferentes adversários criaram a figura mítica.

Com base nessa premissa problematizaremos o mito do herói e principalmente na análise do gênero, que por tantos anos silenciou metade da população. Os exércitos sempre trabalharam e incentivaram a figura mítica e a simulação. Desta forma, criando a escala de valor própria a sua necessidade de manutenção, motivação. O mito militar está tão intrínseco na convivência em sociedade que a própria palavra história tem nele sua origem. Os relatos iniciam nos embates entre humanos e deuses, seres mitológicos, que desafiam a vida terrena. Mais tarde as guerras entre oponentes humanos permeiam o imaginário e originam o mito do vencedor, do imbatível, de superioridade de uma determinada etnia, os feitos militares moldam culturas, criam o sentimento de pertencimento e união a um objetivo real ou virtual. Pode-se, também, imaginar as guerras santas e o mito da aproximação com o sagrado, onde a recompensa da doação integral passa pelo imaginário de uma vida no “paraíso”. “Não podemos imaginá-lo pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social – não somente a realidade do tempo, mas a imaginação do passado e do futuro” (BAUDRILLARD, 1997, p. 71).

Os mitos fundadores influenciaram a formação da nação brasileira, do Exército e estabeleceram valores e tradições que norteiam as diferentes condutas da sociedade e em

particular dos integrantes do EB; o impacto destes valores nas representações do imaginário social pode ser sentido na instituição e na representação de patronos no decorrer da história.

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, (...) uma produção coletiva, (...) que os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. (...) diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade (MORAES, 2002).

Estas narrativas utilizam-se de fatos históricos e da atuação de personagens nestes acontecimentos e pretende motivar as aspirações, os medos e as esperanças de um povo, sendo a expressão das ideologias e utopias. Muitas vezes representadas por símbolos, alegorias, rituais e mitos, como indica:

A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas (BACZKO, 1985, p. 403).

As narrativas históricas que sempre apresentam a interpretação de seus historiadores, neste caso especificamente para criação dos patronos, colocam em evidência as qualidades e feitos destas figuras em detrimento de outras características que possam ser julgadas menos nobres. Nota-se a importância destas figuras na motivação organizacional.

A mais autêntica homenagem que se pode prestar aos grandes vultos da Pátria é manter viva a lembrança de seus feitos, interpretar os acontecimentos de que participaram e recolher os dignos exemplos que nos legaram. As magistrais lições que emanam de suas incomuns existências constituem a imortal seiva que robustece crenças, revigora forças para a travessia do presente e inspira a busca do futuro. Patrono. {Do lat. patronu] S.m. 5. Bras. Chefe militar ou personalidade civil escolhida com figura tutelar de uma força armada, de uma arma, de uma unidade etc., cujo nome mantém vivas tradições militares e o culto cívico dos Heróis. Extraído do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Ed Nova Fronteira, 1ª Edição (EXÉRCITO BRASILEIRO)

A definição de patrono em dicionários de língua portuguesa demonstra o imaginário destes personagens, levando a crer que seriam seres capazes de motivar e nos conduzir a um futuro de conquistas e vitórias.

Desta forma as narrativas dos feitos dos patronos, embora seja micro história tomam a dimensão de narrativa histórica institucional, criando e moldando a postura esperada dos militares. Ainda segundo Certeau (2011), a utilização das ficções permite a historiografia

produzir modelos para a sociedade ou questionar os existentes criando hipóteses, mas baseando a relação que o historiador possui com a realidade conhecida.

1. Maria Quitéria, primeira mulher brasileira a lutar por um ideal de liberdade Patrona do Quadro Complementar de Oficiais

Na Bahia, em 1823, tínhamos a pioneira Maria Quitéria de Jesus, a primeira mulher, que travestida de homem ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro. Seu engajamento foi tão bem considerado que recebeu das mãos do Imperador a Imperial Ordem do Cruzeiro, no grau Cavaleiro.

Mulher, analfabeta, nordestina, baiana. Maria Quitéria de Jesus. Militar, cadete, patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro, heroína da Independência. Soldado Medeiros. Não duas pessoas, mas uma só. Nascida em Feira de Santana [...]. Quando na Bahia iniciaram-se as agitações contra o domínio português, foi despertado na jovem Maria Quitéria um forte instinto de vingança e de lutar por sua Bahia e seu país. Pediu autorização ao seu pai para se alistar no exército, mas teve o pedido negado. [...] Vestindo-se como um homem, roupas emprestadas pelo cunhado [...] alistou-se no Regimento de Artilharia sob o nome de Medeiros (CALMON, 2019).

Imagem 1 – Imagens de Maria Quitéria



Fonte: <https://gazetaarcadas.com>

Imagem 2 - Estátua “Maria Quitéria de Jesus, Soldado Medeiros – Praça da Soledade, Salvador, Bahia”



Fonte: <http://infoecola.com>

Mária Quitéria de Jesus, diferente de Caxias, tem sua biografia baseada numa única participação em guerras, mas para uma mulher do século XIX, é um grande feito. Baiana de nascimento, participou das guerras pela liberdade de sua terra natal em 1822, quando o Recôncavo Baiano lutava contra o dominador português, pois este se negava a reconhecer a Independência do Brasil. Esta motivação de Maria Quitéria a lutar pela liberdade faz-nos questionar quem definiu que o masculino seria responsável pelas batalhas? Por que impedir uma mulher de também querer defender seus ideais, família, terra e liberdade?

A necessidade de efetivos fez com que a Junta Conciliadora de Defesa, ..., conclamasse os habitantes da região a se alistarem para combater os portugueses. Maria Quitéria, uma humilde sertaneja baiana, atendeu ao chamado, motivada pelos ideais de liberdade que envolviam seus conterrâneos. Ante a posição contrária do pai, foge de casa e, com o uniforme de um cunhado, incorpora-se inicialmente ao Corpo de Artilharia e, posteriormente, ao de Caçadores, com nome de Soldado Medeiros (EXÉRCITO BRASILEIRO).

Sua coragem a leva ao Rio de Janeiro, e a incorporar no Batalhão Voluntários de D Pedro I, sendo oficialmente a primeira mulher a assentar praça no Brasil. Após a campanha baiana foi recebida pelo Imperador e sua fama de bravura a precedeu quando chegou à corte. D Pedro I, admirado, concede-lhe o soldo de “Alferes de linha” e a condecoração de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”.

Após o final da guerra sua figura cai no esquecimento e morre em 1853, trinta anos após sua glória como soldado; somente 100 anos após, em 1953, o Exército a homenageou inaugurando um retrato seu em cada organização militar. Porém só passou a ser patrona em 1996, quando foi reconhecida como Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.

Este relato dos feitos de Maria Quitéria foi retirado do site do Exército Brasileiro; já no relato de Maria Graham, que a conheceu em 1823, quando em visita de estudos ao Brasil, percebemos uma proximidade e humanização da personagem.

... qualquer narrativa que relate “o que se passa” (ou o que se passou) institui algo de real, na medida em que se considera como a representação de uma realidade (do passado)... A historiografia adquire esses poder enquanto ela apresenta e interpreta “fatos”(CERTEAU, 2001, p. 49).

O texto vai muito além da apresentação de um passado, mas se preocupa com a institucionalização da representação social que produz, participando da produção de “histórias”, segundo Certeau (2011) num sistema de Comunicação Social e interpretação dos acontecimentos e análises sobre a estrutura social da época.

Nesta biografia temos a história de Maria Quitéria relatada de forma romanceada e destacando seus feitos militares, porém ela nos incita a uma série de questionamentos sobre a figura feminina do século XIX, por exemplo: após o final das batalhas pela independência não temos relatos da vida de Maria Quitéria como se trinta anos de sua existência fossem apagados. Podemos ainda pensar naquela época, final do século XIX, as mulheres eram consideradas um ser secundário ou uma figura alegórica.

O relato de sua visita à Maria Graham em 29 de agosto de 1923, deixa transparecer aspectos diferentes dos anteriormente comentados, Nele Maria Quitéria conta sobre a utilização do saio escocês sobre a farda e surpreende Graham, afinal o saio para os escoceses é um símbolo de masculinidade e no imaginário social brasileiro um adorno feminino.

Graham a descreve com feições indígenas, embora seu pai e sua mãe tivessem origem portuguesa, porém sua representação iconográfica apresenta feições caucasianas. O que pode

ser influência da crença à época da superioridade da raça branca. Todas as representações de Quitéria apresentam as feições finas e bem femininas que eram representadas no final do século XIX.

Outro fator interessante é a cumplicidade das irmãs, pois Quitéria ao se encantar pela possibilidade de lutar por seu país, vai a casa da irmã para lhe contar o que escutou e ela incentiva Quitéria, na verdade não fosse casada e com filho ela mesma iria.

D. Maria contou-me diversas particularidades relativas a suas próprias aventuras. Parece que, logo no começo da guerra do Recôncavo, percorreram o país em todas as direções emissários do governo para inscrever voluntários; que um desses chegou um dia à casa de seu pai, na hora de jantar; que seu pai o havia convidado a entrar e que depois da refeição ele começou a falar sobre o objetivo de sua visita. Começou ele a descrever a grandeza e as riquezas do Brasil e a felicidade que poderia alcançar com a Independência. Atacou a longa e opressiva tirania de Portugal e a humilhação em submeter-se a ser governado por um país tão pobre e degradado. Ele falou longa e eloquentemente dos serviços que Dom Pedro prestara ao Brasil, de suas virtudes e nas da Imperatriz, de modo que, afinal, disse a moça: "Senti o coração ardendo em meu peito". Seu pai, contudo, não partilhava em nada seu entusiasmo. Era velho, e disse que nem poderia juntar-se ao exército, nem tinha um filho para ali enviar; e quanto a dar um escravo para as tropas, que interesse tinha um escravo em bater-se pela Independência do Brasil? (GRAHAM, 1956 p. 330).

Quitéria é descrita por Graham com aparência não masculina, modos delicados, alegres e com uma inteligência astuta, embora iletrada.

No Brasil a cultura tem características de centralização na região Sudeste, então todo um esforço foi feito para “nacionalizar” Quitéria como heroína, a começar na metade final do século XIX, quando o culto cívico à heroína baiana ganharia impulso no projeto de memória levado a cabo por uma das principais instituições culturais do Império (1822-1889); o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Durante o centenário da Independência, na Primeira República (1889-1930), Maria Quitéria foi consagrada no panteão cívico nacional.

É certo que a preocupação com a construção do mito afeta e condiciona o debate historiográfico. Mas ela transcende tal debate, desenvolve-se dentro de um campo de raciocínio que extravasa os limites e os cânones da historiografia, pelo menos da historiografia praticada nesse caso. O domínio do mito é o imaginário que se manifesta na tradição escrita e oral, na produção artística, nos rituais. A formação do mito pode dar-se contra a evidência documental; o imaginário pode interpretar evidências segundo mecanismos simbólicos que lhe são próprios e que não se enquadram

necessariamente na retórica da narrativa histórica (CARVALHO, 2017, p. 61)

A criação do imaginário social, segundo Meneses (1992), a memória coletiva assegura a coesão do grupo, porém não são espontâneas necessitando serem avivadas e muitas vezes apresentarem características míticas; por outro lado a memória nacional é integradora e ideológica. Estas duas memórias fundem por diversos momentos sendo e não há um estudo capaz de segmentá-las. Na representação da memória nacional, Maria Quitéria deixa, então, de ser uma figura percebida como uma mulher e passa a representar a valentia e dedicação de todas que lutaram e lutam por um ideal.

No Carnaval de 2020 a heroína baiana foi homenagem no trio elétrico de Cláudia Leite, sendo o Carnaval uma festa popular e de conhecido destaque na cidade de Salvador, a história encontra a cultura popular.

É uma forma de homenagear as mulheres e evidenciar suas forças e lutas. Há tanta história, tanta persistência e conquista! Só quero mostrar isso a todos, cantar aos quatro cantos o quão maravilhosas somos. Nós, mulheres, podemos tudo.... No meu carnaval, estou usando três pontos na comunicação: mitologia egípcia, com a deusa Nut (fertilidade e universo feminino), a liderança das mulheres (seus espaços conquistados) e a luta com mulheres corajosas sem medo que buscam seus caminhos e os trilham (LEITE, Marie Claire, 2020).

Imagem 3 - Foto de Cláudia Leite



Fonte: Revista Marie Claire

Imagem 4 - Placa comemorativa colocada em Tanquinho, em 1973, 150º aniversário da Independência



Foto: Pedro Calmon Aquino/Cortesia

No comparativo entre a narrativa bibliográfica de Maria Quitéria e a de Duque de Caxias, a princípio parece que as diferenças são oriundas somente da quantidade de participações em conflitos bélicos de cada um deles; porém se nos detivermos com mais atenção temos indícios de que o gênero influi na participação em conflitos bélicos de cada um dos patronos citados.

Caxias é descrito como um indivíduo de caráter irrefutável, enquanto Quitéria desobedeceu ao pai, novamente a figura do masculino, para defender um ideal, se um, por um lado, o masculino estava em seu local de pertencimento, o feminino burlava o status quo estabelecido para poder participar efetivamente. Da mesma forma Caxias combate em todo o território nacional e é alçado à categoria de patrono da instituição.

Caxias possuía uma educação formal, àquela época as mulheres não possuíam educação formal, seu lugar seria o lar, como bem coloca a irmã de Quitéria que se vê impedida de participar por possuir marido e filhos. Em nenhuma história conhecida, algum homem achou-se impedido de participar da vida pública por ter esposa e filhos, esta realidade perdura de forma velada até os dias atuais.

2. O feminino no Exército Brasileiro

O ingresso da mulher no exército faz-se com toda a contextualização histórica, cultural e social, afinal não podemos esquecer que a instituição é parte integrante da sociedade e reflexo das mudanças e atitudes dela. Precisa ser pensado a partir das mudanças sociais dos séculos XIX e XX, desde as teorias higienistas, passando pelo acesso à

escolarização até a percepção da igualdade de gêneros, ainda em construção nas relações sociais, vale ressaltar que até na atualidade a Organização das Nações Unidas coloca a igualdade de gênero como um dos objetivos para o desenvolvimento de uma nação.

Escrever sobre gênero é tornar visível os estereótipos, as assimetrias ainda existentes, a construção, a reconstrução ou redefinição de processos de identidade, as temporalidades diversas, os problemas de geração, as experiências, bem como questionar conceitos e enfoques universais, do universo simbólico, da linguagem escrita, oral, pictórica, simbólica ou imaginária por serem núcleos de um sistema de dominação e de poder (SCHWARTZ, 2017, p.23).

Somente ao final do século XX as mulheres passaram a integrar as fileiras do EB de forma efetiva e com possibilidade de seguir carreira, ou seja, exercer a profissão militar, por meio do ingresso no Quadro Complementar de Oficiais, exercendo áreas administrativas e magistério, atividades meio da Força Terrestre. As primeiras quarenta e nove alunas do Curso de Formação ingressaram em 1992. Há trinta anos foi permitido o acesso feminino, estas mulheres ingressavam como oficial. Após esta primeira experiência com o segmento feminino em 1996, o exército instituiu o Serviço Militar Feminino Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior; esta primeira turma contou com 290 mulheres voluntárias, em todo o território nacional, que seriam incorporadas como militares temporárias, os militares temporários têm seus contratos renovados a cada ano e podem permanecer oito anos na ativa.

No ano de 1997 as mulheres puderam ingressar no Instituto Militar de Engenharia e no Serviço de Saúde tornando-se militares de carreira. Todas estas duas formas de ingresso permitem o acesso ao oficialato.

Somente em 2002 a Escola de Saúde do Exército matriculou a primeira turma de mulheres no Curso de Sargento de Saúde, também militares de carreira. Quanto ao ingresso como sargento temporário do segmento feminino não foi encontrado na rede mundial de computadores um registro preciso do ano de ingresso das pioneiras, todas estas informações encontram-se na página do Exército Brasileiro.

Uma curiosidade, no início as mulheres precisavam escolher como nome de guerra um nome feminino, ou seja, não poderiam ter somente o sobrenome. O nome de guerra é o apelido pelo qual cada militar é chamado; ele deve ser escolhido a partir do nome completo.

Atualmente, embora as mulheres representem um pequeno contingente do EB 3,2% do efetivo, com o total de 6.009 mulheres militares, dados de 2019, estão a cada dia

conquistando novas áreas inclusive com acesso à Academia Militar das Agulhas Negras, cuja primeira turma se formou em 2021, a área combatente que por mais de um século só recebeu alunos do segmento masculino. Quanto a esse acesso precisamos destacar que o ingresso tem uma série de restrições a saber;

A grande divisão dessas especializações é definida pela Arma, Quadro ou Serviço a que pertence um militar do Exército. As Armas englobam o militar combatente por excelência, tradicionalmente a atividade-fim da profissão. Os Quadros reúnem os militares que, de origem diversa, aglutinam-se dentro desses quadros com uma finalidade geral própria. Por fim, há os Serviços que, como o termo indica, têm uma atividade de apoio bem definida, normalmente de cunho logístico. (EXÉRCITO BRASILEIRO, sem data, on-line).

Existem armas-base: Infantaria e Cavalaria nestas as mulheres continuam sem a possibilidade de ingresso pela crença comum da impossibilidade de desenvolver as atividades previstas no combate. A infantaria pressupõe o combatente a pé, já a cavalaria, como o próprio nome diz, começou com os cavalos e atualmente os blindados ou no jargão popular os “tanques de guerra”

Outras como a Artilharia, responsável pelo poder de fogo; a Engenharia que possibilita aos militares a mobilidade e as Comunicações que o próprio nome já indica responsável pela manutenção da estrutura de comunicabilidade entre as várias frações das tropas. Estas três são consideradas armas de apoio ao combate e, também, não possuem mulheres em seus quadros. Desta forma perpetuasse limitadores para o ingresso das mulheres com restrições na área combatente permitindo a elas apenas o Serviço de Intendência que trabalha na paz e na guerra para a manutenção do homem, pelo atendimento às suas necessidades de sustento, alimentação e fardamento e o Quadro de Material Bélico que trata das atividades gerais de manutenção dos equipamentos bélicos da Força, incluindo suas viaturas.

Quanto ao número de vagas há que se destacar, segundo informações dos sites oficiais do concurso, a destinação de 50 vagas exclusivas para mulheres enquanto os homens concorrem por 400 vagas todos com 20% reservados a cota social.

Tabela 1 - Convocações

Universo de convocação	Número de vagas
Masculino	320
Feminino	40
Masculino/cota	80
Feminino/cota	10

Considerações

Ao pensarmos a figura de Maria Quitéria e suas representações não podemos dissociá-las do tempo em que foram retratadas, quanto às crenças médicas, higienistas e na frenologia. Como exemplo temos seus monumentos e quadros que se contrapõem com a narrativa de Maria Graham a respeito de sua forma física.

Durante todo o período de consolidação da Independência sua figura foi ressaltada para inspirar os brasileiros a lutarem por um ideal. Sendo retratada em monumentos que pretendem motivar as aspirações, esperanças, ideologias e utopias, sempre alinhadas à narrativa oficial.

Já no século atual, em que a sociedade busca construir uma equidade entre os gêneros sua figura retorna às manifestações culturais sendo retrata de estudada como uma mulher à frene de seu tempo. Embora o tempo presente ainda apresente diversos entraves à igualdade de gênero, tornando esta pauta objetivo da Organização das nações Unidas e um desafio diferente em cada país.

Muito se conquistou nos últimos anos, muito ainda há que ses conquistar para uma sociedade mais igualitária.

O Exército, como parte integrante da sociedade brasileira, está incorporando o feminino e dando às mulheres oportunidade em todas as suas áreas. A presença da mulher no EB está se solidificando, embora o percentual não represente a presença feminina na sociedade e a inserção de forma estruturada tenha acontecido com mais vagar que em outras áreas atualmente percebe-se a adaptação do seguimento feminino às várias atividades da caserna. Porém, a instituição militar é um reflexo de nossa sociedade e conserva em si os traços do machismo estrutural apresentando ainda alguns entraves nas formas de acesso e em quantidade ínfimas do efetivo.

A modificações estruturais ocorrerão com o vagar que uma instituição com mais de três séculos de existência precisa para se adaptar ao novo e à modernidade. Não obstante vale ressaltar a própria estrutura da sociedade que ainda apresenta diversos preconceitos em relação à participação feminina nas áreas profissionais e, muitas vezes, culturalmente sobrecarrega a mulher como a única responsável pelos afazeres domésticos e de criação dos filhos.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BRONISLAW Baczko. "Imaginação social". In: **Enciclopédia Einaudi**, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985, p. 403.
- CALMON, Vanessa. 2019. **Soldado Medeiros, a heroína da independência**. Gazeta Arcadas. Disponível em: <https://gazetaarcadas.com/2019/08/29/soldado-medeiros-a-heroína-da-independência/>. Acesso em: 27 dez. 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas** – o imaginário da República no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel. **Psicanálise** – Entre ciência e ficção. São Paulo: Autêntica: 2011.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. **Patronos**. Sem data. Disponível em <http://www.eb.mil.br/patronos> . Acesso em: 27 abril 2022.
- _____. **Armas, quadros e serviços**. Sem data. Disponível em <http://www.eb.mil.br/armas-quadros-e-servicos> . Acesso em: 27 abril 2022.
- _____. **CONCURSO de Admissão à Escola Preparatória de Cadetes do Exército – 2020**. Sem data. Disponível em: <http://www.espcex.eb.mil.br/index.php/concurso>. Acesso em: 27 abril 2022.
- _____. A HISTÓRIA da mulher no exército. Sem data. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/>. Acesso em: 27 abril 2022.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estadia nesse país durante os anos de 1821, 1822, 1823**. Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Editora Nacional, 1956, pp. 329-331.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 14a. edição. São Paulo: DP&A, 2013.
- MENESES, U. T. B. de. (1992). A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (34), 9-23.

MORAES, Denis de. **Imaginário social e hegemonia cultural**. Disponível em: <https://www.gramsci.org/?page=visualizar&id=297>. Acesso em: 28 nov. 2022.

REVISTA MARIE CLAIRE. fevereiro de 2020, Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/02/claudia-leitte-homenageia-maria-quiteria-em-trio-em-salvador.html>. Acesso em: 03 dez 2022.

SCHWARTZ, Rosana Maria Pires Barbato. **Beijing, muito mais que palavras**. Curitiba: Appris, 2017.